



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

FAMÍLIA E PROVISÃO FAMILIAR FEMININA: RELATOS E RELAÇÕES

Sande Maria Gurgel D'Ávila (1)

Professora Adjunto IV do Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal do Ceará,
sandedavila@yahoo.com.br

RESUMO

Provisão e trabalho caminham de forma articulada nessa pesquisa realizada com mulheres, da qual foi extraído esse artigo. O artigo apresenta parte de um estudo comparativo entre famílias nucleares, do tipo casal com filhos, de camada popular e de camada média, da cidade de Fortaleza, acerca das implicações da “provisão familiar feminina” única ou compartilhada com o marido/companheiro, nas relações do cotidiano familiar. Como pesquisa qualitativa caminhou no sentido de investigar semelhanças e diferenças entre as famílias das duas camadas sociais na cotidianidade do desempenho do papel de provedora assumido pela mulher e suas implicações nas relações com o marido companheiro. Para a constituição do grupo investigado utilizamos a metodologia "bola de neve" ou “formação em rede”. Os dados apresentados e analisados são resultante da realização de entrevistas semi-estruturadas com 19 mulheres e 7 homens, adotando nas análises uma perspectiva de gênero. À medida que as entrevistas iam acontecendo iam se revelando as histórias de vida e trabalho de mulheres e de homens, a partir de seus relatos. As entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra e após tal procedimento realizamos uma leitura criteriosa dos discursos, para apreensão de seus significados. As mulheres das duas camadas investigadas apresentam comportamentos que guardam semelhanças em alguns aspectos. Concluí que as mulheres não conseguiram modificar as relações de autoridade, hierarquia e poder dentro da família, numa relação de equidade, mesmo tendo assumido a condição de provedora única ou principal.

Palavras-chave: Mulheres; Trabalho; Família; Cotidiano.

INTRODUÇÃO

A família é apontada como elemento fundamental para a "sobrevivência", para a proteção e para a socialização de seus membros. Cabe a ela também a transmissão do capital cultural, do capital econômico e a mediação das relações sociais. Representando a forma tradicional de viver e uma instância mediadora entre indivíduo e sociedade, a família operaria



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

como espaço de produção e transmissão de práticas culturais, e como, organizadora e responsável, pela existência cotidiana de seus integrantes, produzindo, reunindo e distribuindo recursos para a satisfação de suas necessidades básicas. Ainda que existam determinados questionamentos sobre a centralidade e o futuro da família nas sociedades contemporâneas, suas responsabilidades e suas funções sociais não parecem ter perdido a relevância, tanto nos países desenvolvidos, quanto nos que não chegaram a estabelecer um Estado de Bem-Estar e um sistema de políticas públicas mais consistentes, como é o caso do Brasil (CARVALHO e ALMEIDA, 2003).

A família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um lugar por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de sua transmissão entre as gerações; ela resguarda sua unidade pela transmissão e para a transmissão, para poder transmitir. Ela é o “sujeito” principal das estratégias de reprodução (BOURDIEU, 1996).

O capital econômico, sob a forma dos diferentes fatores de produção (terras, fábricas, trabalho) e do conjunto de bens econômicos (dinheiro, patrimônio, bens materiais) é acumulado, reproduzido e ampliado por meio de estratégias específicas de investimento econômico e de outras relacionadas a investimentos culturais e à obtenção ou manutenção de relações sociais que podem possibilitar o estabelecimento de vínculos economicamente úteis, a curto e longo prazos (BOURDIEU, 2001).

Estudos¹ datados a partir do final da década de 1970, das décadas de 1980 e de 1990, bem como outros já em 2000, mostraram análises e discussões sobre as condições de reprodução social de trabalhadores brasileiros, pondo em destaque o papel desempenhado pela família nesse processo. Mostram que os baixos salários, a carência de serviços públicos e outros fatores apresentavam-se desfavoráveis à referida reprodução. Fica evidente que esse processo era viabilizado pondo em prática a lógica da solidariedade entre grupos domésticos, que atuavam como unidades de formação de renda e de consumo, procurando maximizar os recursos à sua disposição. Os primeiros estudos usaram expressões como "estratégias de

¹Estudos como os Barbosa e Carvalho (1984), Bilac (1978; 1993), Lopes (1990), Carvalho (1994), Ri beiro (1994), Draibe (1994) e Montali (2000), além de outros.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sobrevivência" para destacar que um conjunto de práticas de trabalho era utilizado para obter rendas que seriam reunidas em um orçamento comum e utilizadas de acordo com a decisão dos membros da unidade familiar, para atender da melhor forma possível às necessidades do grupo. O foco central dessas estratégias era utilizar o trabalho, considerado como complementar, da mulher cônjuge e dos filhos para compensar os baixos rendimentos do principal provedor. Nesse contexto se evidenciava a lógica da divisão sexual do trabalho e das relações de gênero e de hierarquia vigentes tanto na família quanto no mercado de trabalho, que eram expressas em valores e em papéis atribuídos ao homem, à mulher e aos filhos na família e na produção, que por sua vez, afetavam a organização do grupo familiar.

As transformações na sociedade e na família foram acontecendo e os estudos e análises sobre família foram também se diversificando, descentralizando o foco da análise das estratégias de sobrevivência para as mais diferentes abordagens, de acordo com a especificidade de cada área de conhecimento.

A partir dessas considerações, apresentamos neste artigo alguns dados sobre a provisão familiar feminina em famílias de camada popular e de camada média e as implicações desse fato nas relações de gênero.

Os dados apresentados dizem respeito à maneira como as famílias da camada popular e da camada média se organizam a partir da ótica de que as mulheres são as provedoras e sentem-se provedoras, e que para tal precisam colocar-se como membro da família, responsável ou co-responsável pela reprodução social; pela orquestração do cotidiano familiar em que tarefas domésticas precisam ser realizadas, decisões precisam ser tomadas, funções básicas de sobrevivência da família precisam ser atendidas, e cuidados e afetos precisam ser proporcionados. Importante destacarmos a importância que as mulheres atribuem a todas estas questões para poder perceber as semelhanças e diferenças sobre o viver esta realidade de acordo com a camada social a qual pertençam, e como essa situação é vivida por homens e mulheres no cotidiano familiar.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

METODOLOGIA

Relatar procedimentos de pesquisa, mais do que cumprir uma formalidade, oferece às outras pessoas a possibilidade de refazer o caminho e, desse modo, avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos. Decidir investigar a vida, os modos como as pessoas constroem seus cotidianos, como articulam seus valores, suas crenças, seus costumes, bem como expressam seus sentimentos, envolve fazer uma opção por uma metodologia qualitativa que privilegia a narrativa. Nesse percurso a preocupação com o quantitativo é substituída pelo qualitativo, privilegiando as falas e os relatos. E assim o fizemos. A amostra foi constituída por mulheres e homens de camada popular e média que vivenciam a condição de ter a mulher como única ou principal provedora na família.

Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas com roteiro semi-estruturado. Para a constituição do grupo investigado utilizamos a metodologia "bola de neve" ou "formação em rede" em que os primeiros entrevistados indicam outros, que por sua vez indicam outros, e assim sucessivamente (BIERNACKI e WALDORF, 1981).

Construímos essa rede a partir de uma série de contatos e conversas com pessoas sobre a ocorrência do fenômeno da "provisão familiar feminina" nos dias atuais, revelando a nossa intenção em desenvolver uma pesquisa nessa linha. A formação da rede favoreceu a heterogeneidade do grupo e não restringiu a amostra excessivamente, não a configurando dentro de um determinado setor de atividade ou saber. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais como no CTA/SINE, em residências das famílias e, ou, em seus locais de trabalho. Em todas elas fizemos uso do gravador, com o consentimento prévio de todas (os) as (os) entrevistadas (os). Utilizamos um roteiro de entrevistas semi-estruturadas, aplicadas em profundidade com as mulheres/cônjuges e quando era aceito pelo casal, também com o homem/cônjuge. Iniciávamos as entrevistas sempre pela indagação sobre a história de vida de cada um (a) e esse relato de vida, acontecia em sua forma mais pura e livre, quando as (os) entrevistadas (os) eram abordadas (os) do modo mais aberto possível, dizendo "fale de sua



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vida” e, interferindo o mínimo indispensável durante a narrativa, tendo em vista a importância desses dados, bem como a relevância desse momento para ganhar a confiança e obter a espontaneidade dos sujeitos. À medida que as entrevistas iam acontecendo iam se revelando as histórias de vida de mulheres e de homens, a partir de seus relatos. As entrevistas gravadas foram transcritas na íntegra e após tal procedimento realizamos uma leitura criteriosa dos discursos, para apreensão de seus significados. Durante a análise nos debruçamos inicialmente sobre as entrevistas de cada família (análise vertical) para posteriormente realizar uma integração com as demais (análise horizontal), a partir das semelhanças e particularidades acerca das questões abordadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A família vem mudando ao longo de séculos. As mudanças implicaram em alterações em sua própria estrutura, no seu sistema de relações, em seu papel, no desempenho de papéis de seus membros, bem como, de suas formas de reprodução social. Além disso, as transformações no cenário econômico acentuam cada vez mais as desigualdades sociais, com o aumento do desemprego e do subemprego tanto para as “pessoas de referência” na família como para os demais membros do grupo familiar. A mulher passa a assumir um papel significativo no mundo do trabalho sem perder a importância no espaço da casa. A criança e o adolescente ingressam cada vez mais cedo no mercado de trabalho e o que pode afetar a sua permanência na escola e a continuidade dos estudos. Esse fato acontece especialmente nas famílias de camada popular, em que essa força de trabalho é utilizada para complementar a renda familiar. O homem, por sua vez, ao estar fora do mercado de trabalho, desempregado, subempregado ou em empregos temporários, se vê diante da necessidade de redimensionar seu lugar nesse contexto de transformações, nos espaços, público e privado. No espaço privado passa a não exercer ou a redimensionar o seu papel de provedor, transferindo-o para a mulher que o assume sozinha ou de forma compartilhada. A ideia de um único provedor já não é a predominante e o pensamento de que os dois devem contribuir para alcançar objetivos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

comuns já é percebido com mais frequência. Para atender a condição de provedoras, as mulheres precisam de recursos financeiros que podem ser obtidos através da realização de uma atividade remunerada, um trabalho, seja no mercado formal ou informal, e, ou, por meio da formação das redes de ajudas familiares ou comunitárias.

A provisão familiar é vivida pelas mulheres da camada popular com sofrimento e revolta trazendo conflitos à relação conjugal, em sua maioria, decorrentes de dificuldades financeiras. Isto vem ao encontro do que afirma Poster (1979) ao citar que a família da classe trabalhadora desenvolveu uma estrutura de família sob condições de angústia social e econômica. As falas dessas mulheres revelam um sentimento de frustração e tristeza com a realidade diferente da esperada que se apresentou em suas vidas. Os companheiros reais não corresponderam aos modelos idealizados de homens trabalhadores, responsáveis, sem vícios e totalmente envolvidos no cotidiano familiar. Para elas, os maridos/companheiros não trabalham por diferentes motivos: porque são alcoolistas, por que são doentes, ou ainda, porque não querem e nunca o quiseram. Podem ser vistos como um mero objeto dentro de casa ou, como um grande fardo, pois, apesar de não trabalharem, exigem atenção, cuidados e o atendimento de necessidades básicas, principalmente a alimentação. A fala das mulheres demonstra cansaço e aborrecimento pela vivência dessa situação por longo tempo, quase sempre, desde o casamento, ou a partir de algum acontecimento marcante da vida, como o nascimento de filhos. É marcante o peso de acumular os papéis de homem e mulher da casa, como “chefe da casa” e “chefe da família”, a partir de um histórico de imobilidade do companheiro, sem nunca ter se empregado realmente ou ter tido uma trajetória de trabalho encurtada por doenças ou vícios. É marcante também o peso de acumular os papéis de homem e mulher da casa, como “chefe da casa” e “chefe da família”, a partir de um histórico de imobilidade do companheiro, sem nunca ter se empregado realmente ou ter tido uma trajetória de trabalho encurtada por doenças ou vícios. Algumas falas demonstram a disposição da mulher de resolver de forma definitiva a situação por meio da consumação da separação do marido *eu fico pedindo pra ele arranjar um trabalho que todo mês tenha aquele salário pra me ajudar e ele diz que não quer, ele diz que se eu quiser ficar com ele é nessa situação e*



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desse jeito eu não quero... eu chamei ele bastante atenção, andei falando muito com ele aí ele disse 'pois então a gente vamos se separar'...aí eu disse que tudo bem... se ele tivesse me ajudado eu superaria porque eu acho que ele não é uma pessoa tão má, dava pra gente viver. O diálogo dos dois revela que o marido não aceita as cobranças de mulher nem a imposição que ela lhe apresenta para que continuem juntos e ele inverte a situação, impondo a ela a condição de aceitá-lo como ele é, ou, oficializarem mesmo a separação no papel e a consumarem de fato. Essa atitude incomoda as mulheres/companheiras e as surpreende à medida que visualizam a figura masculina, na família e fora dela, vinculada diretamente ao trabalho, independente do sentido de pertencimento a qualquer camada social. “O trabalho é muito mais do que o instrumento de sobrevivência material, mas constitui o substrato da identidade masculina, forjando um jeito de ser homem. É condição de sua autonomia moral, ou seja, da afirmação positiva de si [...]” (SARTI, 1996).

Em síntese, as mulheres da camada popular expressam comportamentos diversos, entre o agir para uma acomodação e conciliação para que o marido/companheiro não se sinta mal com a situação, e de forma oposta com revolta, queixas, cobranças e desprezo, não poupando de um posicionamento ou tomada de decisão sobre o continuar ou não numa relação sem oferecer uma contrapartida. Em algumas falas é expressa a intenção de a mulher prestar contas do uso do dinheiro, justificando que é gasto com coisas para dentro de casa, inclusive para usufruto do próprio companheiro. Em outros momentos esse dinheiro é negado ao marido como forma de represália, cobrança e revolta contra os vícios do marido, que se vê quase obrigada a sustentar. O sentimento de acomodação aparece como resultante do esgotamento de todas as situações de sofrimento já vividas em relação às dificuldades de sobrevivência, às brigas, ao alcoolismo e à violência doméstica. A possibilidade de consumação da separação conjugal é aventada tanto pela mulher como pelo homem envolvendo o questionamento sobre a posse ou a partilha de bens, que se resume ao imóvel, adquirido por doação ou por esforço conjunto do casal.

As mulheres da camada média procuram utilizar de estratégias para minimizar os efeitos da situação de “não provisão” dos maridos/companheiros sobre o cotidiano familiar.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Algumas falas demonstram um direcionamento para a amenização dos conflitos, minimização de efeitos negativos e estratégias de acomodação para a manutenção da relação conjugal. Além disso, demonstram um comportamento de preocupação consigo mesmas, com a intenção de administrar da melhor forma possível a sua condição de provedora, aceitando as exigências dos maridos, sujeitando-se em alguns momentos as suas atitudes de machismo; mudando hábitos; aceitando ficar sem dinheiro e abrindo mão da administração de seu próprio salário. Tudo isso é justificado em função de não criar situações embaraçosas e constrangedoras para os maridos/companheiros. Algumas adotam atitudes de indiferença ou de cobrança para com eles, com a determinação de pagamentos de despesas específicas, de fixação de contribuição mensal ou de mudanças de comportamentos. Outros sentimentos demonstrados são os de acomodação e de insatisfação, pois consideram que é muito difícil sustentar tudo, ser tudo dentro de casa. Adotam uma atitude de esconder do marido o valor da sua renda diária e de negar a ele o acesso ao dinheiro como forma de represália pela condição dele não estar buscando um trabalho. Há um relato de satisfação com a dependência do marido e por ele ter que lhe pedir dinheiro... *ele não sabe nem quanto eu ganho e não sabe nem a cor do meu dinheiro... às vezes quando ele quer comprar alguma coisa ele me pede 1 real*. Em outra fala há a preocupação com a situação constrangedora que o desemprego provoca no companheiro, como se quisesse poupá-lo disso. O fato de não gostar de ele não estar trabalhando não é pelo fato de ter que ser a provedora, e sim pelo desconforto que isso provoca nos dois, como casal.

O homem, por sua vez, impossibilitado de cumprir o papel considerado inerente a ele, pelo qual é referenciado de forma “naturalizada”, sente-se fracassado, enveredando muitas vezes pelo alcoolismo ou abandonando a família. No entanto, nem sempre o não cumprimento do papel de provedor pelo homem é o causador dos vícios, que podem apresentar causas orgânicas, genéticas, morais e comportamentais. O distanciamento das possibilidades objetivas de manter o padrão de família culturalmente estabelecido e naturalizado parece contribuir também para uma separação conjugal nessas famílias, embora



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

em alguns casos não ocorra a saída do cônjuge/companheiro do convívio familiar, do local de coabitação.

CONCLUSÕES

A vivência da provisão feminina é vivida pelas mulheres com todas as situações de ambigüidades comum às relações sociais com atitudes de dominação e submissão, competição e cooperação, conflito e acomodação etc. Os casais convivem com cobranças, queixas, trocas e negociações.

Podem acontecer negociações bem sucedidas e negociações mal sucedidas, mas o que transparece é que as mulheres vão vivendo na esperança de que algo novo ou diferente aconteça a qualquer momento para mudar a situação que as incomoda.

Em relação ao lugar do homem e da mulher nessas famílias, há uma estreita relação com o desempenho de papéis masculinos e femininos na família e na sociedade. O papel do homem ainda está centrado predominantemente ao “*ethos*” do trabalho e a figura de “provedor” da família, “cabeça” do casal, como foi inculcado através de séculos. Ficou claro na pesquisa, principalmente na camada média, que é complicado tirar do homem esse lugar moral, o que gera a adoção de estratégias para minimizar situações de desconforto e conflitos. Ao contrário, na camada popular, é reforçado o “não lugar” ou a invisibilidade do companheiro em virtude de ele não exercer o papel de provedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. C. M. J., CARVALHO, R. V. A. Segmentação da força de Trabalho Urbana, Organização e Consciência Social: estudo de caso em fortaleza. **Série Relatórios de Pesquisa**, 4. NEPS- Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estudos Sociais, 1984.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

BOURDIEU, P. **As Estruturas Sociais da Economia**, Lisboa: Instituto Piaget, 2001

BIERNARCKI, P., WALDORF, D. 1981. Snowball sampling-problems and techniques of chain referral sampling. **Sociological Methods and Research** 10:141-163.

BILAC, E. D. **Famílias de trabalhadores: estratégias de sobrevivência**. São Paulo: Símbolo, 1978. 157 p.

CARVALHO, M. C. B. A priorização da família na agenda da política social. In: KALOUSTIAN, S.N. (Org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 1994. p.93-108.

CARVALHO, I. M. M., ALMEIDA, P. H. Família e proteção social. **São Paulo em Perspectiva** . v.17 n. 2, São Paulo Apr./June 2003.

DRAIBE, S. M. Por um reforço de proteção à família: contribuição à reforma dos programas de assistência social no Brasil. In: KALOUSTIAN, S.N. (Org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 1994. p.109-130.

LOPES, J. B., GOTTSCHALK, A. Recessão, pobreza e família: a década pior do que perdida. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo: Fundação Seade, v.4, n.1, p.100-109, jan./mar. 1990.

MONTALI, L. Família e trabalho na reestruturação produtiva: ausência de políticas de emprego e deterioração das condições de vida. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, ANPOCS, v.15, n.42, p.55-75, fev. 2000.

POSTER, M. Teoria crítica da família. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

RIBEIRO, R. M. et al. Estrutura familiar, trabalho e renda. In: KALOUSTIAN, S.N. (Org.). **Família brasileira, a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 1994. p.135-158.

SARTI, C. A. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.